

Natureza *versus* Homem: Ensaio humano-ambiental na sociedade de consumo

Felipe Bueno Amaral*
Edinaldo Enoque Silva Junior**

Resumo

Este artigo visa a discutir a crise ambiental como resultado do consumo desordenado imposto de maneira sutil pelo sistema capitalista. Discute a necessidade de a sociedade compreender que a única forma de se reduzir as emissões líquidas, sólidas e gasosas no planeta é mediante a redução do consumo. Consequentemente, fez-se necessário, para tanto, discutir a importância de uma re(estruturação) de valores morais no homem, com o objetivo de desconstruir a ideia de ser que domina e modifica o meio ao seu favor, para ser condicionado ao meio que o circunda. Discutiu-se a importância da educação ambiental voltada para a complexidade terrestre, e das instituições de ensino nesse processo de elucidação multidisciplinar da técnica, do meio ambiente e do homem.

Palavras-chave: Meio ambiente. Capitalismo. Educação.

1 INTRODUÇÃO

A natureza sempre suscitou espanto e incertezas no homem desde seu aparecimento na terra até os dias atuais. A natureza com seu esplendor e beleza foi juntamente com a terra objetos de veneração e respeito do homem pré-histórico. Na busca de explicações sobre as chuvas, trovões, raios, vulcões, maremotos, etc. o homem sem o arsenal científico de hoje não tinha outra explicação a não ser atribuir à “Deusa-Mãe” as causas de todos esses fenômenos, como castigos ou bênçãos por algum motivo qualquer. Foi assim que o homem passou a ter a terra e a natureza como seres mitológicos e se criou toda uma cosmologia para explicar a criação da terra e dos cosmos a partir de deuses.

No passar dos séculos, gradativamente, o homem encontrava soluções práticas para os problemas do dia a dia, como aperfeiçoar seus materiais de caça, encontrar lugares mais apropriados para se proteger das intempéries e descobrir a agricultura. Desse modo, o tempo ocioso facilitado pelo uso da técnica para a obtenção de alimentos passou a ser utilizado no estudo dos movimentos dos astros e dos ciclos das plantas e animais.

Uma nova era começara e o homem não mais atribuía à natureza a pura e simples explicação de tudo e procurava entender suas causas intrínsecas. Saímos do pensamento instintual e passamos a racionalizar e descobrir causas e efeitos. Assim a Grécia foi o berço do estudo racional da natureza, procurando indícios que levavam a explicações racionais da criação do cosmo, mas, mesmo assim, os elementos naturais tinham profunda influência nesses estudos, e os deuses não foram totalmente descartados. Foi assim com Tales, Anaximandro e Anaxímenes os primeiros filósofos a se preocuparem com esse problema, influenciando assim

* Tecnólogo em Gestão Ambiental pela Unoesc; especializando em Sociologia Política pela UFPR; felipebamaral@hotmail.com

** Pesquisador; graduado em História pela Universidade do Oeste de Santa Catarina; especialista em Ciências Sociais; professor de História e Sociologia do ensino médio e fundamental do Colégio Jesus Maria José, São Miguel do Oeste, SC; Rua La Salle, 2500, 89900-000; enoquesmo@hotmail.com

toda a Grécia futura com suas ideias. Eles influenciaram depois Epicuro, os Céticos, os Pitagóricos, Sócrates, Platão, Aristóteles, entre outros.

A preocupação com explicações empíricas a respeito do fundamento do mundo foi relegada ao esquecimento pelos cristãos a partir do século V, com o obscurantismo da Idade Média. Período esse marcado por intensa religiosidade, onde o estudo científico passou a ser tratado como heresia e cientistas tiveram seus interesses científicos sobre a natureza sufocados pelo medo da Santa Inquisição. Esse período durou sete longos séculos e a Abertura Comercial, a Reforma, a Queda de Constantinopla entre outros eventos foram o marco que definitivamente causou a ruptura desse período, dando lugar a ideias de cientistas e pensadores, como Erasmo, Galileu, Kepler, Da Vinci, Giordano Bruno (esse queimado por desobedecer à Igreja).

O fim do período feudal e a consolidação dos Estados Nacionais proporcionaram aos cientistas a volta ao estudo da natureza, pois agora seu conhecimento profundo gerava lucros, como o conhecimento dos ventos, das correntes marítimas, da posição das estrelas, da lua, do sol, etc. Foi assim que os europeus aportaram no continente americano e expandiram seus negócios aos quatro ventos: com a racionalização da natureza.

A Revolução Industrial veio como consequência dessa expansão marítima comercial e do aprofundado conhecimento da natureza; utilizando carvão, água, fogo, ferro, vento, etc., o homem expandiu seus negócios e o domínio dos recursos naturais; para o benefício econômico total foi apenas questão de tempo.

Descoberto o petróleo, o gás natural, o urânio, etc., o homem começou sua maior agressão contra a natureza causando profunda poluição dos rios, dos mares, dos ares, da terra, causando a mortandade de peixes, de florestas, atingindo toda a flora e fauna.

Os reflexos dessa utilização desordenada dos recursos naturais e a devolução dos seus resíduos sem o devido tratamento já são sentidos com o aquecimento global, o derretimento das calotas polares, chuvas ácidas, contaminação de peixes por metais pesados e a rarefação da água onde antes era abundante.

Passados alguns milhões de anos, desde a relação dos primeiros hominídeos com a natureza nos perguntamos: como andam as coisas? Qual é nossa relação com o meio? Há respeito, crença ou medo? Ou já a submetemos aos nossos caprichos?

Assim, esse trabalho visa a compreender a relação do homem com a natureza no século XXI.

2 O MUNDO MUDA

Desde os últimos dois séculos a humanidade tem passado por um processo de transformações em âmbitos morais, éticos, estéticos, comportamentais, etc. Desse modo, valores seculares, como família, religião e educação também passam pelo crivo dessa nova fase. Essa nova configuração social que vem emergindo gradativamente no mundo recebe algumas denominações: pós-moderna (BAUMAN, 2000), modernidade tardia (GIDDENS, 2002), cibercultura (LEMOS, 2004), aldeia global (IANNI, 2000), etc. Por seu lado, temos, juntamente com essas transformações culturais, sociais, a metamorfose do sistema econômico, do qual o mundo todo, com raríssimas exceções, faz parte: o capitalismo:

[...] estamos vivendo uma série de mutações, tanto nas relações sociais como nas estruturas materiais, tanto nas individualidades humanas como no curso da evolução da vida em geral. O século XXI se abre, sem dúvida, como uma época mundializada, transplanetária, biotecnológica, informatizada. Ignoramos, talvez, o essencial: com quais valores funcionará essa nova civilização? Qual será o seu sentido? (LINDO, 2000, p. 9).

O capitalismo, mutante por natureza, desde seu nascimento já trocou de nome diversas vezes; citemos alguns exemplos: mercantilismo, colonialismo, imperialismo, neocolonialismo, liberalismo, neoliberalismo e, hoje, de forma mais "suavizante", recebe o nome de globalização (2000).

Juntamente com seus diversos nomes o capitalismo transforma tudo que o rodeia, tudo que o interessa. É dessa forma que o meio ambiente, a natureza, a fauna, a flora, a deusa Gaia para alguns, mudou de nome também, agora ela recebe a alcunha de recursos.

Recursos? Sim, recursos. Não temos mais rios, temos recursos hídricos; mais árvores, mas sim, recursos florestais; mais minérios, mas, recursos minerais, a energia solar e o vento agora são recursos de energia limpa. Tudo, tudo tem seu valor no mercado, tudo é capitalizado, até o gás carbono tem crédito e é negociado na bolsa de valores.

Quando falamos da mutabilidade do capitalismo não podemos esquecer seu ímpeto em causar a necessidade de consumo nas pessoas. As próprias marcas usam dessa necessidade para, por meio da propaganda, do anúncio, introduzir no consumidor a necessidade da preservação ambiental. Claro, essa preservação ambiental ocorrerá logicamente por meio da compra de tal marca que estará destinando recursos para combater a emissão de gases de efeito estufa, que, ironicamente, são os gases que a própria indústria cria com o aumento de sua produção para atender à demanda dos "ecologicamente corretos".

Por seu turno, a grande maioria da população que compra produtos "ecologicamente corretos" não separa o lixo orgânico do inorgânico, compra produtos com selo de procedência, mas joga o lixo no chão, gasta uma quantidade exorbitante de energia e água com superfluidades, compram produtos novos e não destinam corretamente os antigos. Desse modo, o que era para ser conscientização não passa de uma hipocrisia mercadológica voltada para o *status* de poder comprar um produto "ecologicamente correto" por ser mais caro que os outros.

Quando se fala da importância da preservação ambiental, da separação dos resíduos, do não desperdício de água ou energia, não é unicamente pelo viés econômico. Sugere-se a valoração do comportamento humano como ser natural. Esses valores que não deixam de ser morais devem ser alicerçados por uma ética humana e animal. Esquecemos sempre que o que nos difere dos outros animais é a nossa capacidade de pensar, e por essa capacidade de pensar estamos destruindo o planeta. Pertencemos a uma cadeia alimentar da qual estamos no topo, porém, necessitamos do restante para sobrevivermos e existirmos, mas poluímos a água, a terra, o ar de onde tiramos nosso sustento:

A ética ambiental vincula a conservação da diversidade biológica do planeta ao respeito à heterogeneidade étnica e cultural da espécie humana. Ambos os princípios se conjugam no objetivo de preservar os recursos naturais e envolver as comunidades na gestão de seu ambiente. Entrelaçam-se aqui o direito humano a conservar a própria cultura e tradições, o direito de forjar seu destino a partir de seus próprios valores e formas de significação do mundo, com os princípios da gestão participativa para o manejo de seus recursos, de onde as comunidades derivam suas formas culturais de bem-estar e a satisfação de suas necessidades. (DIAS, 2008, p. 234).

Segundo Marx (2004), a economia é o motor da história, e o macaco homem somente chegou aonde chegou devido à utilização e à manipulação do meio ambiente em seu proveito, desviando rios, secando pântanos, desmatando e queimando. Toda essa manipulação do meio transformara um primata em *sapiens*. Todavia, a exploração da natureza chegou em uma proporção tão gigantesca que já tem ares de catastrófica.

A conscientização seria o primeiro e mais importante passo, mas, nesse quesito, parece que o homem se assemelha ainda ao primata, pois parece não ter a dimensão do futuro. Consumo, desmatamento, queimadas, plantio desordenado tudo isso leva a crer que a natureza nos suprirá indefinidamente, e que os hoje chamados recursos, não terão fim. Tem fim, e estamos constatando isso no excesso de chuva em algumas partes e a escassez dela em outras, nos tufões, furacões, tempestades que são causados pelo aquecimento global, no derretimento das calotas polares:

Por essa razão, a preocupação com o meio ambiente do planeta não deve ser consequência de uma postura paternalista em relação à natureza, mas, ao contrário, um reconhecimento da nossa impotência e dependência da natureza. O fundamento da consciência ecológica é o humanismo e, é claro, há um lugar no pensamento humanista para cuidar não da natureza em

geral, que não precisa de nós, mas daquela natureza que amamos porque a história da nossa espécie é parte dela. (BESSERMAN, 2005, p. 98).

A crise ambiental marca um ponto de inflexão na história, onde se desvanecem os suportes ideológicos e as certezas subjetivas que geraram os paradigmas de conhecimento e os dogmas do saber no ambivalente processo da modernidade.

Segundo Leff (2004, p. 119):

A questão ambiental emerge de novos valores e novos princípios que levam à reorganização social de produção para a reapropriação da natureza e da cultura. Isto implica o estabelecimento de novas relações sociais de produção e de novos sentidos civilizatórios, donde emerge um poder feito de uma nova matéria, sujeito a novas regras.

Sistemas de fiscalização são criados para minorar o desmatamento e o lançamento de desejos no solo, no ar e na água. No entanto, vemos que isso ainda não é suficiente quando os próprios responsáveis pela manutenção e fiscalização são pegos em esquemas de fraude e suborno. Por outro lado, a parcela funcional dessa fiscalização parece ser uma piada de mau gosto àqueles que têm o mínimo de discernimento e que acompanham as notícias e a produção científica. A Amazônia continua sendo vendida e os desmatamentos para plantio de soja, pecuária e “reflorestamento” com árvores exóticas (voltada para a produção de energia) crescem em progressão geométrica, para citarmos um caso brasileiro.

3 A EDUCAÇÃO AMBIENTAL DEVIDAMENTE ENTENDIDA

A educação ambiental é uma ferramenta de grande importância na desconstrução-reconstrução do olhar ambiental voltado para a ética sustentável, porém, ela peca por ensinar em sua grande maioria, aos alunos e ao público consumidor, práticas de reciclagem e de como diminuir o consumo de energia, água e gás carbono. Isso é importante, mas não tudo. Isso não basta quando a maioria dos habitantes das grandes cidades poluidoras não sabe o que é um ipê ou um cedro ou uma bromélia. Cuidamos daquilo que conhecemos e aprendemos a amar. Desse modo, a educação ambiental deve voltar-se primeiramente ao conhecimento do que é natureza para, logo após, voltar para sua preservação e conservação:

A formação ambiental implica assumir com paixão e compromisso a criação de novos saberes e recuperar a função crítica, prospectiva e propositiva do conhecimento; gerar um saber eficaz e inventar utopias capazes de levar os processos de mudança histórica a ideais de igualdade, justiça e democracia; criar novos conhecimentos, métodos e técnicas para construir uma nova racionalidade social, na qual os valores culturais e os potenciais da natureza, desdenhados pelo empenho produtivista da modernidade, orientem o renascimento da humanidade. (LEFF, 2004, p. 221).

A Educação Ambiental, devidamente entendida, deveria constituir uma educação permanente, geral, que reaja às mudanças que se produzem em um mundo em rápida evolução. Essa educação deveria preparar o indivíduo, mediante a compreensão dos principais problemas do mundo contemporâneo, proporcionando-lhes conhecimentos técnicos e qualidades necessárias para desempenhar uma função produtiva, com vistas a melhoras da vida e proteger o meio ambiente, prestando a devida atenção aos valores éticos.

Falamos de uma Educação Ambiental voltada ao conhecimento técnico e para uma ética do homem como natureza, não privando do conhecimento do humano como social e do meio ambiente como um todo, e tudo isso em uma relação centrífuga, não excludente. Isso deve ser feito em âmbito multidisciplinar. O

conhecimento do que nos circunda em sua plenitude é que promoverá a discussão e quiçá uma (re)organização dos valores morais, éticos, estéticos, políticos, econômicos, ambientais.

Segundo Fernando Pessoa (2001, p. 85):

A civilização é uma educação de natureza. O artificial é o caminho para uma apreciação do natural. O que é preciso, porém, é que nunca tomemos o artificial por natural.

É na harmonia entre o natural e o artificial que consiste a naturalidade da alma humana superior.

As instâncias que mais abertamente pregam essa (re)estruturação dos laços humanos, técnicos e ambientais em seus discursos inflamados, são as mesmas que não dão o mínimo valor a eles empiricamente, tornando-as demagogias banais. Parece que os interesses são efetivamente o da manutenção da exploração econômica e do meio ambiente em benefício de uma minoria.

Observemos as grades curriculares das ciências exatas e da terra dos cursos universitários. Quantas delas têm em seus currículos disciplinas, como Filosofia, Antropologia, Sociologia, História ou Geografia? E nos cursos das ciências humanas e sociais, quantas delas possuem disciplinas, como Ecologia, Educação ambiental, Direito ambiental ou Saneamento básico? Fala-se de educação multidisciplinar, mas o enrijecimento das faculdades, nesse quesito, perde apenas para a demagogia do discurso:

A educação ambiental está longe de ter penetrado e trazido uma nova compreensão do mundo no sistema educacional formal. Os princípios e valores ambientais promovidos por uma pedagogia do ambiente devem enriquecer-se com uma pedagogia do ambiente, devem enriquecer-se com uma pedagogia da complexidade, que induza nos educandos uma visão da multicasualidade e das inter-relações dos diferentes processos que integram seu mundo de vida nas diferentes etapas de desenvolvimento psicogenético; que gere um pensamento crítico e criativo baseado em novas capacidades cognitivas. (LEFF, 2004, p. 243).

Segundo Fernando Pessoa: "A inação consola de tudo". É isso, na nossa falta de ação, na inação, que beira a inanição em razão da nossa alimentação industrial, estamos nos consolando, e colocando a culpa em governos, nas grandes indústrias poluidoras como se eles e elas existissem por si mesmos. Fazemo-nos de idiotas "esquecendo" (vamos pôr mais uma vez a culpa em algo ou alguém, no inconsciente dessa vez) que o que mantém a poluição somos nós, consumidores.

O que precisa ser feito? Para começar, não há lei, nem presidente, nem rei, nem deus no mundo ou no universo que fará diminuir a agressão à terra se não for diminuído o consumo. É o consumo desenfreado, desorganizado, imediatista que causa essa devastação ambiental. Marx diz que a economia é o motor da história, eu acrescentaria, que o modelo socioeconômico, da forma que estamos vivendo, causará o fim da história. Desse modo, vendo a terra, as florestas, os rios, a água, o vento e a energia solar não mais como recursos e sim como nossa fonte de vida, e se diminuirmos o consumo de produtos supérfluos e desnecessários, daremos um belo passo.

4 CONCLUSÃO

Os perigos que ameaçam a humanidade estão cada dia mais manifestos. A extinção completa do gênero humano é uma possibilidade. Quem pode afirmar com certeza que a epopeia humana não chegou ao fim? Ninguém desconhece que o problema da viabilidade do planeta se apresenta de maneira dramática. A diminuição da camada de ozônio, o aquecimento pelo efeito estufa, o empobrecimento dos solos e do ambiente marítimo, o problema da água e dos resíduos industriais, o desmatamento, o esgotamento dos

recursos naturais, a superpopulação, o fosso econômico entre os dois hemisférios, a instabilidade do mundo são fatores presentes na mente de todos.

O surgimento dos temas planetários levam, inicialmente, a uma reestruturação do campo do saber. Em economia, em demografia, em ecologia, nas geociências, aprendemos a raciocinar na escala do globo terrestre. Para além dos nivelamentos nacionais ou regionais, uma realidade complexa impõe-se ao nosso entendimento: a humanidade.

Os anos passaram e a situação torna-se cada vez mais insustentável: ambientes totalmente mortos, animais extintos a cada ano, rios mortos com sua fauna e flora, florestas devastadas e mais animais mortos, vazamentos de petróleo nos mares, vazamentos de usinas nucleares, bomba atômica.

A exploração do homem pelo homem e da natureza pelo homem chega à drasticidade e vemos a natureza dar respostas com enchentes, maremotos, furacões, ciclones, tempestades, secas.

As perguntas começam a surgir: o que fazer? Como voltar a ter uma relação sustentável com a natureza? Como utilizá-la de modo a não agredi-la ao ponto de sofrermos graves consequências e de não chegar ao ponto de nos extinguirmos?

Muitas são as respostas para essas questões, todavia, a mais importante delas é a humanização do homem, uma reeducação relacional de homem para homem e de homem para com a natureza.

Diante da real situação acreditamos que somente uma educação voltada para a compreensão do homem como membro interno da natureza poderá mudar a situação atual.

Man versus nature: human and environmental testing in consumer society.

Abstract

This article aims to discuss the environmental crisis as a result of the consumption tax for disorderly subtle way the capitalist system. Discusses the need for society to understand that the only way to reduce net emissions, solid and gas on the planet is by reducing consumption. Consequently, it was necessary to do so, discuss the importance of a re (structure) of moral values in man, to deconstruct the idea of being that dominates and modifies the environment to their advantage, to be conditional on the surrounding environment. We discussed the importance of environmental education focused on complex land, and of educational institutions in this process of elucidation of multidisciplinary technical, environmental and man.

Keywords: Environment. Capitalism. Education.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. **Mal-estar da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

BESSERMAN, Sergio. A lacuna das informações ambientais. In: TRIGUEIRO, André (Org.). **Meio ambiente no século 21**. Campinas: Autores Associados, 2005.

DIAS, Genebaldo Freire. **Educação ambiental: princípios e práticas**. São Paulo: Gaia, 2008.

GIDDENS, Antony. **Modernidade e identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

IANNI, Octávio. **Teorias da globalização**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

LEMOS, André. **Cibercultura**: tecnologia e vida social na cultura contemporânea. Porto Alegre: Sulina, 2004.

LEFF, Enrique. **Saber ambiental**. São Paulo: Vozes, 2004.

LINDO, Augusto Pérez. **Era das mutações**: cenários e filosofias de mudanças no mundo. Rio de Janeiro: Unimep, 2000.

KARL, Marx. **Miséria da filosofia**. São Paulo: Ícone, 2004.

PESSOA, Fernando. **O livro do desassossego**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

